
por Flávio Damm

“Quando olho um bloco de mármore, vejo a escultura dentro: tudo o que tenho que fazer é retirar as aparas...”

Foi o que disse, há cinco séculos, o escultor, pintor dos afrescos da Capela Sistina, arquiteto e poeta italiano Michelangelo Buonarroti quando lhe perguntaram como produzia tão belas obras de arte.

Quando o profissional está diante de um fato que se desenrola imprevisível, “afia a navalha nos olhos”, como recomenda o poeta João Cabral de Melo Neto, e “retira as aparas” – como dizia o gênio Michelangelo – para chegar à foto que está surgindo, preocupado em ver para mostrar para quem não viu...

Menino ainda, nos meus 11 anos, vi no jornal que meu pai lia as primeiras fotos da Segunda Guerra e, ao lhe perguntar quem fazia aquelas fotos dramáticas da invasão da Polônia, me explicou que eram soldados que iam para o campo de batalha para ver a guerra por quem não estava lá...

Pensei então: “quero ser isto, o de ver para mostrar para quem não viu”. Aos 14 anos, fiz a minha primeira foto, que mostro nesta exposição retrospectiva (ao lado). Dorothea Lange dizia que “no preto e branco está o recurso perfeito para mostrar a cara da miséria americana dos anos da recessão”.

David Douglas Duncan obedeceu à exigência de Picasso de lhe fotografar exclusivamente em preto e branco. Da Praia de Omaha, em 1944, Robert Capa deixou para a história a mais dramática página da Segunda Guerra, o desembarque na Normandia. Mestre da fotografia em preto e branco, Henri Cartier-Bresson sempre se negou a fotografar em cores, segundo depoimento de René Burri, da agência Magnum Photos.

E lembro, com encanto especial, os meus preferidos na arte do preto e branco: o húngaro André Kertész e o norte americano Eugene Smith. No prefácio de seu livro Spanish Village, magnífico ensaio sobre Deleitosa, uma aldeia espanhola da Estremadura, está a afirmação de Smith de que “cor é excesso. A verdade da aldeia é mesmo em preto e branco”.

Com o advento das novas tecnologias, a fotografia foi democratizada e dela, em preto e branco, mais se fala, mais se faz, mais se mostra.

E a arte fotográfica vista, publicada, exposta e comprada em galerias por colecionadores ganhou um espaço até então desconhecido.

Fotografar em preto e branco, para mim é juntar o prazer ao desafio: o “momento decisivo” na tentativa da composição perfeita.

Flávio Damm: coleção Senac de fotografia. **Organização Simonetta Persichetti e Thales Trigo**

Não são poucos aqueles que decidiram ser fotógrafos quando, ainda criança – e numa época em que não existia televisão –, tiveram seus olhos atraídos pelas páginas das grandes revistas ilustradas nas quais a fotografia era protagonista.

Não foi diferente com o gaúcho Flávio Damm, que no início da Segunda Guerra Mundial, ao vislumbrar as imagens nas páginas dos jornais e das revistas, perguntou ao pai quem fazia aquelas fotografias tão assustadoras, como a das tropas alemãs em frente ao Portão de Brandemburgo. A resposta paterna o guiou para a profissão que seguiria pela vida toda: “São profissionais que, mesmo fardados, vão para a guerra com câmeras na mão, e não armas. Vão a fim de ver e fotografar para as pessoas que leem os jornais e as revistas, em casa, em países distantes, longe da guerra”. Foi ali que o menino de 11 anos soube o que era – ou pelo menos, o que significava – ser fotojornalista: “ver pelos outros”.

Aos 16 anos, na Revista do Globo, publicação da editora de mesmo nome, em Porto Alegre, suas fotografias foram publicadas pela primeira vez, ainda como amador. Estava se preparando para ingressar na faculdade de direito, mas felizmente desistiu e preferiu, como ele mesmo conta, “varrer o estúdio da revista e aprender a profissão com o fotógrafo alemão Ed Keffel, na época titular na publicação gaúcha”. Dois anos depois, Keffel transferiu-se para a mítica revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro. Flávio Damm, aos 18 anos, ocuparia seu lugar na revista gaúcha. “Comecei em fotografia, profissionalmente, de vassoura em punho, conta, rindo.

Da primeira foto publicada para cá, foram 64 anos nos quais Flávio Damm nunca deixou de fotografar. Sua estética – que fotografa, e sempre fotografou, em preto e branco – é de uma linha muito própria de fotografia de rua – como o mexicano Manuel Alvarez Bravo, o húngaro André Kertész, o francês Robert Doisneau, o americano Eugene H. Smith e os brasileiros José Medeiros e Alécio Andrade –, de gente que caminha solta, que vê coisas que poderiam passar despercebidas pela maioria das pessoas, com olhos que, mesmo jornalisticamente, nem sempre encaram o fato de frente, mas trazem o entorno, a presença pela ausência. “Nunca falei antes ou depois com meus fotografados de rua, não em conhecem e nem eu a eles. Somos desconhecidos mútuos para sempre”. O que o inspira, o que o faz decidir fazer a imagem, está nas afirmações do mexicano Alvarez Bravo: “Tudo é válido fotografar, dependendo de como se vê; tudo o que se fotografa a gente o faz por prazer”. E, nessa produtiva carreira, seu prazer lhe permitiu construir um arquivo de mais de 60 mil negativos, que foram revistos em 2008 para uma exposição retrospectiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e para o lançamento do livro Preto no branco: fotos e fatos, em que reúne imagens e histórias vividas durante suas andanças pelo mundo. Ao mergulhar nesse mar de imagens – como ele próprio diz, “cada foto é como um filho” –, também pôde reviver seu começo de carreira.

Voltemos no tempo, ou alguns parágrafos acima, onde o deixamos largando a vassoura e assumindo o posto de fotógrafo. Sua passagem na Globo não durou muito. A revista ilustrada *O Cruzeiro*, criada por Assis Chateaubriand, que abria espaço para a fotografia, era tentadora para muitos que queriam participar daquela incrível equipe. E, assim, em dezembro de 1949, Flávio Damm deixou Porto Alegre e desembarcou no Rio de Janeiro, onde mora até hoje. No dia seguinte, com suas fotos embaixo do braço, procurou a direção da

revista semanal e mostrou as primeiras fotos do ex-presidente Getúlio Vargas em seu autoexílio. Getúlio fora deposto em 1945 e, em uma fazenda na fronteira gaúcha com a Argentina, recebia jornalistas de todas as partes do mundo, mas nunca autorizara a presença de fotógrafos. Flávio Damm, amigo pessoal de Jango (João Goulart) – íntimo colaborador de Vargas –, foi convidado para fazer as primeiras imagens do ex-ditador com a finalidade de criar o momento oportuno para, então, lançar a sua candidatura à presidência da República nas eleições de 1950.

Foram aquelas imagens que possibilitaram que Flávio Damm fosse contratado no ato pela *O Cruzeiro*. Tinha 21 anos, equipamento próprio e muita vontade de fotografar. Seis dias depois, já viajava para a Paraíba em missão de reportagem.

A revista *O Cruzeiro*, embora lançada em 1928, só a partir do início dos anos 1940 abriu maior espaço para a fotografia, quando levou para a redação o polêmico fotógrafo francês Jean Manzon, que trabalhara em muitas revistas ilustradas francesas. Ele é considerado por Flávio Damm o responsável por atribuir importância aos profissionais do fotojornalismo no Brasil, uma nova mentalidade em relação a postura profissional e sua consciência fotográfica. “Devemos a Jean Manzon também a modernização da linguagem”, continua, “uma mudança radical. No Brasil ainda eram usadas câmeras 4 x 5, além de negativos sobre chapas de vidro, e foi o francês que introduziu aqui a Rolleiflex, formato 6 x 6, menor e mais ágil. E isso facilitou muito o fazer cotidiano. Porém trouxe também muita polêmica, ou seja, um estilo de fotografia posada, falsa, duas ou três lâmpadas flash para uma foto, um assistente a tiracolo, trabalho limpo, belos negativos, melhores cópias, mas falsas e sem vida, a vida como ela não é”, completa de forma crítica. Além de Manzon, outros profissionais fundamentais para o desenvolvimento dessa estética passaram por lá: Eugenio Silva, Pierre Verger, Roberto Maia, Marcel Gautherot e José Medeiros, profissionais dos quais Flávio Damm se sentia mais próximo pela própria ideia de fazer jornalismo. “Eles fotografavam sempre com luz ambiente. Flash só se necessário, claro, mas sempre procuravam o instantâneo, fugir da pose, fotografar conforme a dinâmica que o momento determinava”.

Damm trabalhou dez anos na revista. Além de fotografar bastante, construindo assim uma experiência sólida em cultura fotográfica, acostumou-se a ver nas publicações estrangeiras que aqui chegavam, como *Paris Match* e *Life*, as fotografias publicadas por gente como Eugene H. Smith, Edouard Boubat, Robert Doisneau, Margareth Bourke-White, que, sem dúvida, influenciaram sua maneira de fotografar. Mas sua grande referência talvez tenha sido José Medeiros – que era seu cunhado – que, em 1961, abriu a primeira agência fotográfica do Brasil: a Agência Jornalística Image. Não se dedicaram exclusivamente ao fotojornalismo; passaram também a fazer fotografia publicitária, livros, documentários industriais, além de cobrir eventos políticos e vender material de arquivo. Entre seus clientes, além da Petrobras e do Governo do Rio de Janeiro, revistas como a *Life*, a *Time* e a *Paris Match*. De leitor, Flávio Damm passou a ser colaborador.

E desde aquele dezembro de 1949 até o final dos anos 1980, Flávio Damm passou por diversas agências e redações: Black Star, Globe Photos e Time Magazine.

No Brasil, além de *O Cruzeiro*, teve suas imagens publicadas nas revistas *Módulo*, editada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, *Casa e Jardim*, *Novacap*, cobrindo a construção de Brasília; e *Senhor*, outra importante publicação na história do jornalismo brasileiro. Nunca deixou de fotografar, participar de exposições, publicar suas fotografias pelo mundo. Mas, desde 2004, outra atividade tem ocupado seu tempo com bastante empenho e profundidade: escrever sobre fotografia. Colabora mensalmente para o site da revista

Photos&Imagens e, desde 2007, publica bimensalmente sua coluna sobre fotojornalismo na revista *Photo Magazine*. Flávio Damm expressa, em seus textos, suas reflexões sobre o fazer jornalístico; discute e relata fatos de um outro momento fotográfico e analisa o fotojornalismo atual. “Mudou, porque tudo muda, mas mudou muito: com a tecnologia, a profissão ganhou e perdeu, lucrou na velocidade de captar e remeter imagens para a redação com grande dinamismo. Com a analógica, vivíamos com o coração na boca, rezando para que o filme não perdesse seu valor latente pelo tempo que demorávamos para chegar até o laboratório, após passarmos, em alguns casos, temporadas em tribos de índios ou cobrindo revoluções pela América Latina. Mas perdeu pela facilidade de o fotógrafo saber que, *se não ficou boa, apaga na hora e faz de novo*. Isso é muito relativo, porque a foto se repete, o momento, não”. E cutuca: “Sinto que falta aos fotojornalistas de hoje uma cultura geral, em parte pela falência da escola brasileira, em parte pela mentalidade de país em processo de desenvolvimento apressado, em que o hoje ainda é ontem e o amanhã tem de ser agora, na pressa irresponsável, restando pouco para a reflexão do que estamos pretendendo fazer”.

Refletir ou pensar a fotografia é algo novo para nós. “Até pouco tempo atrás, a fotografia, especialmente no Brasil, era considerada uma atividade de menor importância, com raras exceções. Havia uma alienação, e ser fotógrafo era uma atividade aventureira. Coisa de quem não tem profissão, invenção de sonhadores!”, comenta. “Hoje as coisas mudaram, ainda mais com o advento do digital, que democratizou efetivamente a fotografia. Daí também a valorização da fotografia como uma *ferramenta moderna, útil e democrática e eficiente formadora de opinião*”.

Flávio Damm traz em seus olhos mais de meio século de fotografia, de buscas, de encontros e desencontros. “Muitas vezes fotografo sem câmera, o olho vendo cenas que valem ser registradas. Por deformação profissional, vejo o que outros não enxergam ou enxergo o que os outros não veem”.

Mesmo assim, muitas vezes também pela dor de uma foto perdida: “Num dia de verão de 41 graus à sombra, mas sem sombra à vista, estava trabalhando em casa, ainda na velha máquina de escrever. Só de bermudas e tênis saí, sem câmera, por um instante, para ir à beira da praia onde moro a fim de tomar uma água de coco, com o compromisso íntimo de voltar logo ao trabalho. Depois de tomar a água, o sol e o céu me motivaram a uma rápida caminhada e, ao chegar a um ponto do calçadão, vi tries freiras, de mãos dadas, como se estivessem infantilmente *brincando de roda*, molhando os pés no mar, com seus hábitos erguidos... Choro até hoje toda a água de coco tomada naquela manhã!”.

Flávio Damm percebe a fotografia, ou melhor, a atitude fotográfica como uma sensação de apropriação, que ainda pratica da mesma maneira que sentia, quando criança, as fotos do início da Segunda Guerra Mundial, e se encantou com a tarefa de “ver pelos outros o que estes não tinham oportunidade de ver”.